

#cm

2

TERÇA-FEIRA



Premiado no Festival do Rio, 'Pequenas Criaturas' está escalado para a Mostra de Tiradentes e para o Göteborg Film Festival, na Suécia

Jazidas de Minas

Mostra de Tiradentes consagra uma primeira **safrade exercícios autorais**, egressas de eixos diferentes do país, numa **fusão de política e poesia**. Conheça, nas páginas seguintes, o **garimpo cinéfilo** que nosso crítico **Rodrigo Fonseca** fez em telas mineiras. Páginas 2 e 3



Uma Baleia pode ser dilacerada como uma escola de samba

Autoralidades brasileiras no cardápio cinéfilo mineiro

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

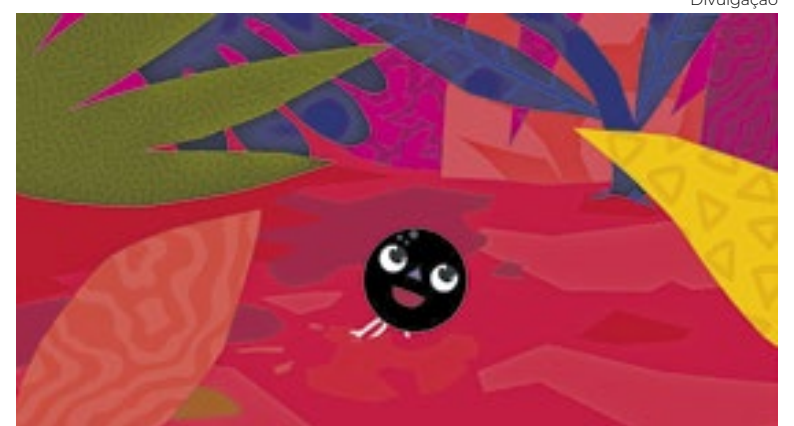
De um evento que confia sua abertura a um titã da invenção como Júlio Bressane, cineasta avesso a qualquer cinto de segurança da linguagem fílmica, não se pode esperar menos do que um cardápio plural de ousadias. Pois depois de conferir “O Fantasma da Ópera”, uma espécie de “Fantasia” (da Disney) em modo bressanista, estruturado como um ensaio sobre o Tempo no set de filmagem, a 29ª Mostra de Tiradentes cumpriu sua vocação de arregimentar curtas e longas afeitos à transgressão. Teve gira, teve investigação memorialística, teve sementes de mamão em fuga e teve até Miguel Falabella na praça. Saca só o que se viu de melhor no evento mineiro, que segue até o dia 31 de janeiro, com direito a premiação e projeção de “O Agente Secreto” seguida de debate sobre nosso futuro no Oscar.

PAPAYA, de Prsicilla Kellen: Banho de sinestesia, com um colorido lisérgico sintonizado com a musicalidade de Tulipa Ruiz, esta aventura a um só tempo ecológica e existencialista segue os rastros de um carocinho de mamão que não aceita se fincar na terra para firmar raiz e estagnar. Observando uma joaninha voar, a protagonista desta dulcíssima animação quer singrar céus, ainda que não tenha asas. Ao perceber a violência do predatismo

industrial da agricultura, ela repensa o que é liberdade. O trabalho de montagem de Elaine Steola é de uma destreza ímpar.

UMA BALEIA PODE SER DILACERADA COMO UMA ESCOLA DE SAMBA, de Marina Meliande e Felipe M. Bragança: Edson Secco brinca (à vera) de editar som alcançando uma transcendência acachapante nesta canção cinematográfica de amor e ruína que baila

no imaginário carioca. A trama deste pedacinho colorido de saudade é contada pelos olhos de um homem que se vê diante do colapso de uma agremiação carnavalesca na periferia do Rio de Janeiro. Ítalo Martins (um dos policiais filhos do delegado mau de “O Agente Secreto”) se firma como um dos atores mais potentes de nosso cinema neste filme-experimento concebido em colaboração com artistas visuais cariocas. É tudo o que Joãozinho Trinta sempre fez



Papaya



Querido Mundo

na Sapucaí... só que forma de cinema... e de confete.

VULGO JENNY, de Viviane Goulart: Coube a Goiás abrir a competição Aurora de 2026 com uma espécie de crônica de resiliências arquitetado sob um fino trabalho de luz da fotografia de Yolanda Margarida. Na trama, Jenny é uma vendedora ambulante recém-chegada em Goiânia. Enquanto espera notícias do namorado, conhece a dupla Rato e Primo, que a ajudam a se manter no setor Coimbra. Tentando sobreviver em um mundo precário, que pouco lhe oferece além das drogas e bebidas, ela esbarra com tipos que vão virar sua paz do avesso.

MAZINHO DO TROMPETE, de Mayara Mascarenhas: A delícia da seção de curtas mineiros do festival é um conto musical antigo sobre um homem obstinado em se

desenvolver como músico, abraçado a potências de trompetista. Após um dia de estudos, Mazinho sai para tocar na noite. Encantado pela sonoridade metálica e mística de seu instrumento, é guiado por encontros misteriosos que lhe revelam sinais de um caminho aberto para a realização do seu sonho. O trabalho de dramaturgia na escrita do roteiro é impecável.

PEQUENAS CRIATURAS, de Anne Pinheiro Guimarães: Cheia de compromissos com a Globo, de novela em novela, Carolina Dieckmann raramente faz cinema, mas quando se arvora a levar seu talento à telona (vide “Onde Andará Dulce Veiga?” e “O Silêncio do Céu”), a atriz encara o vale tudo (sem trocadilhos) com fome de investigação. Ela é um dos vetores que levaram esta delicada cartografia de desamparos na Brasília dos tempos



Divulgação

O Último Episódio



Divulgação

Mazinho do Trompete



Marrakash

Dentro Do Meu Peito Mora Um Cão



Rafael Freire/Labareda Produções Cinematográficas e Tecnológicas

Vulgo Jenny



Divulgação

Um Oceano Inteiro



Divulgação

Pequenas Criaturas



Divulgação

Palco-Cama

da redemocratização a vencer o troféu Redentor de Melhor Filme no Festival do Rio. Há um trilho internacional de destaque já desenhado para o futuro do longa, com uma sessão agendada para o dia 29, na Suécia, na grade do Göteborg Film Festival. Tiradentes renovou suas baterias, numa exibição popular de braços abertos para o choro. Com destreza na construção de uma atmosfera intimista, Anne criou um painel de afetos no DF de 1986, a partir da luta de Helena (Dieckmann) para manter seus filhos unidos num contexto de solidão atroz. Fernando Eiras toma o filme de assalto ao viver um vizinho... digamos... raro.

DENTRO DO MEU PEITO MORA UM CÃO, de Gabriel Afonso: Numa cidade explorada pela mineração, fotografada com retidão por Vrgínia Dandara, Josué não consegue dormir. Cercado por montanhas, medos e frustrações, ele reflete incessantemente sobre os desafios do início da vida adulta. É um ensaio em tons poéticos sobre os desafios do amadurecer, escrito, dirigido e9Bem) atuado por Afonso num exercício de autoimolação que contagia na toada de sua sinuosa montagem.

QUERIDO MUNDO, de Miguel Falabella e Hsu Chien Hsin: Malu Galli ganhou o Kikito de Melhor Atriz em Gramado por esta fábula em P&B que registra a maturidade plena de seu fotógrafo, Gustavo Hadba, na arquitetura de luz. O mesmo vale para a artesanania de Plínio Profeta com a música. Falabella partiu de uma peça de sua autoria para retomar a estética do desassossego de seu subestimado “Veneza” (2019) e retratar um amor que – como todo bom e definitivo benquerer – nasce por acaso.

No acaso, uma arqueóloga frustrada (Malu, em doída atuação) e um engenheiro fracassado, Oswaldo (Eduardo Moscovis, em delicada composição), passam a noite do Ano Novo nos escombros do que deveria ser um condomínio de conforto na Zona Sul do Rio. O Cupido vai estourar rojões no encontro deles, que comoveu Tiradentes, em uma projeção ao ar livre, na praça, depois que caiu um aguaceiro do céu. A chuva respeitou o eterno Caco Antibes, que usa um bacalhau em cena de uma forma alarmista.

O ÚLTIMO EPISÓDIO, de Maurílio Martins: Qualquer espectador(a) que cresceu sonhando com o combate entre o Vingador e o Mestre dos Magos nas sessões de “Caverna do Dragão”, no “Xou da Xuxa”, vai se encantar com esta deliciosa Sessão da Tarde endossada pela grife da produtora Filmes de Plástico. É uma evocação desse desenho cultuado no Brasil. Na trama, Erik, um garoto de 13 anos (vivido por Matheus Sampaio), tem uma paixão platônica por Sheila (Lara Silva) e, para se aproximar dela, diz ter em casa uma fita com o lendário (mas jamais comprovado) “último episódio” de “Caverna...”, a animação que popularizou o jogo de RPG no Brasil. Com a ajuda de seus amigos, busca uma saída para a enrascada em que se meteu, vivendo uma intensa história de amadurecimento.

UM OCEANO INTEIRO, de Bruna Dias e Carine Fiúza: Pelo curso de um rio até o mar, em paisagens de solidão, mulheres negras iniciam uma jornada profunda. No acolhimento mútuo e na partilha de suas dores, elas se reencontram e traçam novos caminhos de amor e liberdade, reinventando seus destinos. Trata-se de uma trança de relatos que consegue ser aguda, sem abrir mão da afetuosidade. O trabalho de som de Zé Balbino é um de seus acertos.

PALCO-CAMA, de Jura Capella: No mais engenhoso documentário exibido por Tiradentes em seus primeiros dias de programação, o diretor de “Jardim Atlântico” (2012) se mantém fiel ao seu empenho de espatifar o que há de informativo nos registros de arquivo e catar a dimensão sinestésica (sensorial) do que resgata ou do que enquadra. Driblando amarras biográficas, Jura mergulha na intimidade de José Celso Martinez Corrêa (1937-2023), o Oxalá dos palcos nacionais. Filmado em seu quarto, o teatrólogo transforma a alcova em ribalta e revisita a gênese de suas peças em uma entrevista performática. O filme registra o material bruto dessa conversa, onde Zé Celso encena, reflete e se entrega diante da câmera, revelando o corpo e a palavra como forças centrais de sua arte. A montagem de Rodrigo Lima, a quatro mãos com o diretor, revela camadas de sentido embriagadoras.

‘Não sabemos nada sobre Shakespeare’

Paul Mescal fala sobre a ausência familiar e o processo de luto pelo qual seu personagem passa em ‘Hamnet’, um dos fortes concorrentes ao Oscar

VITOR MORENO
Folhapress

Se você colocar William Shakespeare na busca de imagens do Google, vai aparecer um homem pálido, de rosto magro e meio calvo, usando um colarinho franzido e com um brinco na orelha. Paul Mescal lembra que esse retrato é apenas uma suposição. “As pessoas chegaram ao entendimento de que é assim que ele se parecia, mas não temos ideia de como ele era”, afirma o ator irlandês, que vive uma versão do dramaturgo em “Hamnet: A Vida Antes de Hamlet”, em cartaz nos cinemas. “Não sabemos nada sobre Shakespeare.”

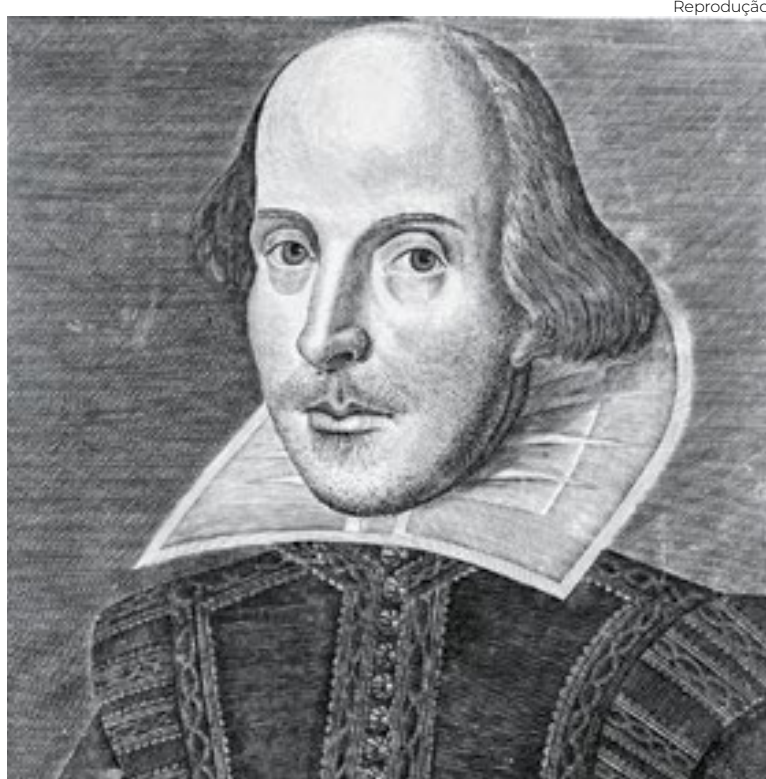
No filme — assim como no livro em que ele se baseia, da autora Maggie O’Farrell —, o nome do bardo nunca é dito de forma completa. Ele é apenas Will, o marido de Agnes (Jessie Buckley) e pai dos filhos dela. No começo, o personagem ainda está se descobrindo como artista. “Ele não está ciente do próprio mito porque esse mito ainda não existe”, explica Mescal. “Ele é um artista de Stratford que nem mesmo sabe que é um artista ainda. Ele precisa ser persuadido por Agnes para ir atrás das coisas. Não há nenhum senso de grandeza com ele ainda.”

Para o ator, esses elementos ajudaram a não reverenciar demais o personagem — embora ele diga encarar alguém fictício com o mesmo nível de responsabilidade de alguém que de fato existiu. “Não é diferente; acho que cada personagem é uma pessoa real”, afirma. “Eles vivem no mundo da história que o autor cria



Divulgação

“Como ator, você precisa saber quem é o personagem, mas não necessariamente planejar como as cenas vão parecer. Chloe estava muito interessada na brincadeira e nas descobertas do momento” **PAUL MESCAL**



Reprodução

A imagem tradicional do poeta e dramaturgo William Shakespeare

para eles. No caso de alguém como Shakespeare, você precisa ativamente ir contra o mito de que ele foi um grande homem.”

Se no livro seu personagem mal aparece, no filme ele ganhou mais

espaço. O que não muda, contudo, é a ausência constante em que ele se transforma na vida de Agnes e dos filhos. “Suponho que é uma ausência intencional”, avalia Mescal. “Ele era um pai ausente? É claro que essa é uma perspectiva que as pessoas poderiam ter, mas também deve-se levar em conta o papel da Agnes.”

É a esposa quem impulsiona

em silêncio.”

No entanto, ele prefere manter em segredo que tipo de lembrança pessoal acessou para chegar às altas notas que o personagem exige. “Acho que o grande presente que você tem como ator é que ninguém nunca saberá o que é real para você e o que é imaginado”, diz. “A menos que eu decida te contar que isso é o que aconteceu quando X ou Y aconteceu na minha vida.”

“Na verdade, sua imaginação é muito mais potente que sua experiência vivida”, afirma. “Porque no minuto em que você tenta aplicar uma experiência vivida, seu corpo começa a te proteger, especialmente se for algo doloroso. É como se ele dissesse: ‘Não quero voltar ali, porque aquilo foi horrível.’”

Sobre a direção da chinesa Chloé Zhao, ele diz que foi uma experiência diferente da que estava acostumado. “Ela não se interessa tanto em falar sobre a cena, mas em senti-la”, explica. “Grande parte do trabalho que fizemos era fora do tradicional.”

O processo da cineasta envolvia também uma certa liberdade para os intérpretes. “Como ator, você precisa saber quem é o personagem, mas não necessariamente planejar como as cenas vão parecer”, diz Mescal. “Chloe estava muito interessada na brincadeira e nas descobertas do momento.”

Com relação à parceira de cena, Jessie Buckley ele também é só elogios. “Nós já nos conhecíamos muito bem”, conta. “Estávamos alinhados em termos de como gostamos de trabalhar; mesmo que não tenhamos o mesmo processo, ele é igualmente intenso, eu diria.”

As duas performances foram bem recebidas pela crítica e vêm arrancando lágrimas do público. Buckley recentemente ganhou o Globo de Ouro de melhor atriz dramática — o filme desbancou “O Agente Secreto” como melhor filme de drama, enquanto Mescal perdeu o prêmio de ator coadjuvante para Stellan Skarsgård, de “Valor Sentimental”.

Jessie cenceu o Globo de Ouro de Melhor Atriz por seu desempenho. “Jessie está extraordinária no filme”, avalia. “Acho que o que ela fez não é apenas a performance do ano. É uma performance que ainda vão estar estudando daqui a muito tempo.” “Hamnet” recebeu outras sete indicações ao Oscar: Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Elenco, Melhor Trilha Sonora Original, Max Richter, Melhor Figurino e Melhor Direção de Arte/Produção.

CRÍTICA FILME | A ÚNICA SAÍDA

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Divulgação

Parasitismo capitalista

Tão luminosas quanto as estatuetas que “Parasita” conquistou, entre elas quatro Oscars e a Palma de Ouro de Cannes, foram suas cifras comerciais: a produção dirigida por Bonh Joon Ho em 2019 custou US\$ 11,4 milhões e faturou US\$ 258,1 milhões. Nunca um longa-metragem da Coreia do Sul chegou tão longe. Por isso, ou seja,

por interesse em um novo faturamento desse porte mastodôntico, cada novo empreendimento autoral de pinta mais pop daquela nação é cercado de promessas messiânicas para o mercado. Do mais prolífico realizador daquela pátria, Hong Sangsoo, não se espera isso, pois seu cinema intimista, embora pipoque por tudo quanto é festival (seu novo trabalho, “The Day She Returns”, estará na Berlinale), não se enqua-

dra em nenhuma das convenções conhecidas de blockbuster. O cult de Joon Ho também não, mas tem um dinamismo de ações físicas e um torvelinho de reviravoltas de roteiro que se alinha com mais precisão aos códigos do thriller. É esse também o caso de “A Única Saída” (“No Other Choice”), de Park Chan-wook, a bola da vez do mercado sul-coreano. Estreou mundialmente no Festival de Veneza, na briga pelo Leão de

Ouro. Chega ao Brasil com fome de salas lotadas.

Custou US\$ 12,2 milhões e já faturou US\$ 31 milhões apoiado na fama de seu realizador, que foi consagrado em 2004 com “OldBoy”, depois de ser coroado com o Grande Prêmio do Júri de Cannes. Recentemente, ele trabalhou com Fernando Meirelles na minissérie da HBO MAX “O Simpatizante” (2024), com Robert Downey Jr. Seu novo longa, chamado “Eojeolsuga eobsda” em sua língua nacional, é uma versão do romance “O Corte”, lançado em 1997 por Donald Edwin Westlake (1933-2008), e filmado em 2005 por Costa-Gavras.

Competir por emprego com Man-su (Lee Byung-hun) é mortal, pois ‘A Única Saída’ é sobre predatismo

Na medula do projeto de Chan-wook há um conceito da arte que se chama “heroísmo do rendimento”. Foi um livro do século XIX, *Germinal* (1885), de Émile Zola (1840-1905), que abriu a torneira dessa dramaturgia. Ela pode ser descrita por ser uma linhagem sociológica de narrativas em que a jornada dos protagonistas se constrói a partir de estratégias de sobrevivência econômica. Cabem aí de Chaplin a Plínio Marcos, passando por Rocky Balboa, com amplo espaço para as personagens de Ken Loach e do próprio Costa-Gavras. Não é rara a associação deste procedimento temático às cartilhas marxistas de luta de classes e aos engenhos teóricos funcionalistas, nos quais a sociedade é vista em analogia com organismos biológicos. Nessa toada, há lugar também para os aportes do naturalismo — uma corrente anfíbia entre a arte e as ciências sociais — que representa territórios como se fossem as entranhas dos corpos, com as suas escatologias e dinâmicas de excreção. É nesse naturalismo que uma parte nobre do cinema sul-coreano se instalou desde os anos 2000.

Enervante (e irregular), “A Única Saída” se filia à genealogia do rendimento ao seguir os passos do desempregado Man-su (Lee Byung-hun, num registro que evoca Buster Keaton). Especialista em fabrico de papel, ele tomba ao inferno depois de perder o emprego. Sem chance de obter um trabalho, passa a eliminar seus concorrentes. Sua saga se constrói na fotografia de Kim Woo-hyung com planos que distorcem a aparência de harmonia do real, mergulhando o espectador numa vertigem visual.

CRÍTICA FILME | MARTY SUPREME

POR RODRIGO FONSECA

Excessos em pingues, perseveranças em pongues

Josh Safdie é uma espécie de John Cassavetes ligado no 220. Fala de almas danadas, quase sempre acossadas por ciladas financeiras, mas que firmam uma épica sem eira nem beira na rua, como fazia o mítico diretor de “A Morte de um Bookmaker Chinês” (1976), só que fora das CNTPs do cinema moderno.

Seu gingar com a câmera é trincado, tudo rápido, no corre. Numa

carreira construída a partir de 2002, quase sempre em parceria de direção com o irmão ator (e realizador premiado, Benny Safdie, de “Smashing Machine”), Josh gosta de retratar pessoas fora do eixo de repouso, seja moral ou espiritual. Fez isso com Robert Pattinson em “Bom Comportamento” (2017) e com Adam Sandler no bestial “Joias Brutas” (2019), obra-prima absoluta do thriller no século XXI.



Diamond Films

Timothée Chalamet dá vida a um craque do tênis de mesa

Agora, com Timothée Chalamet, o cineasta se concentra num estudo sob obsessão. A partir de elementos reais da vida do craque de tênis de mesa Marty Reisman (1930-2012), seu novo e taquicárdico conto sobre sobrevivência abraça o mote da perseverança ao narrar a ciranda de loucuras de um raqueteiro profissional que adora paquerar mulher casadas e não aceita perder.

A década de 1950 que o gerou é igualmente avessa a derrotas. À luz em ebulição da fotografia de Darius Khondji, Josh faz uma crônica daquele tempo e nos dá um herói torto, mas arrebatador. A participação do diretor Abel Ferrara como um marginal espumando de raiva é magistral. (R. F.)

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Antonio Fagundes fará pequena participação no folhetim

Antonio Fagundes explica volta às novelas

Antonio Fagundes falou sobre seu retorno à Globo em entrevista ao Fantástico no domingo (25). O ator assinou em dezembro contrato para fazer “Quem Ama Cuida”, a próxima novela das nove, texto de Walcyr Carrasco. Sua participação irá ao ar nas duas primeiras semanas no folhetim. “Vai ser uma pequena participação. Eu fico dez ou doze capítulos. Era um convite irrecusável.

Vai ser bem rápido. Tá sendo muito gostoso para mim, depois destes anos, voltar a fazer alguma coisa na Globo”, disse à apresentadora Maju Coutinho. Fagundes disse que até pensa em tirar um ano sabático para se dedicar à escrita, mas que tem muitas coisas para fazer. “Só fiz uma peça de Shakespeare, tenho outras 36 peças dele para realizar”, comentou

Talentos infantis

O Pro Criança Cardíaca realiza a terceira edição do Show de Talentos nesta quarta (28), às 11h, no auditório da instituição, em Botafogo. O evento integra as comemorações dos 30 anos do projeto e reunirá 16 crianças e adolescentes assistidos pela organização em apresentações de canto, dança, exposição de desenhos e demonstrações esportivas. A iniciativa foi criada pela psicóloga Claudia Marcia Blois e pelo pedagogo Pedro Chicri como parte do acompanhamento terapêutico dos pacientes. Inscrições gratuitas pelo WhatsApp (21) 96506-2771.

Torcedor ilustre

Time do coração de Wagner Moura, o Vitória prestou uma homenagem ao ator pela sua indicação ao Oscar antes do clássico contra o Bahia, pelo Campeonato Baiano. Jogadores entraram com uma faixa e uma camisa com a frase: “Ser Vitória é uma parte fundamental da minha vida”.

Torcedor ilustre II

A declaração que simboliza a relação do artista com o clube baiano viraliza entre os torcedores do clube e foi dada ao podcast PodPah, ainda em 2024. Wagner já foi flagrado diversas vezes em transmissões do Vitória na arquibancada do Barradão vendo o time do coração.

Bafônico: Globo afasta Milton Cunha

Milton Cunha não forma dupla com Mariana Gross nas tradicionais visitas do RJ1 aos barracões das escolas de samba no pré-Carnaval carioca. O jornalista Alexandre Henderson passa a ocupar o espaço que era do carnavalesco nas entradas ao vivo do telejornal local. Saída de Milton acontece após ele estrelar propaganda do governo federal veiculada para o Rio de Janeiro.



Divulgação TV Globo



Divulgação

Rainha de bateria da Mangueira, Evelyn Bastos abre a programação de debates sobre o carnaval no Espaço Abu

Reflexões sobre a folia

Pelo segundo ano consecutivo, a série Papo no Abu reúne grandes expoentes do Carnaval em encontros que prometem aproximar o público de vozes que refletem sobre a folia carioca.

A partir desta terça-feira (27), o Papo no Abu retorna à programação cultural de Copacabana promovendo mais um ciclo de quatro encontros dedicado ao Carnaval, fortalecendo o espaço como um agente cultural estratégico na aproximação entre as esferas do erudito e do popular. A proposta é oferecer um olhar aprofundado sobre a maior manifestação artística do país, transformando o palco num território de intersecção entre técnica, história e memória. A mediação fica a cargo do jornalista Fred Soares (Rádio Tupi), que utiliza a sua experiência de três décadas na cobertura carnavalesca para conduzir diálogos que contextualizam o trabalho e o legado dos protagonistas da folia.

Para a produtora do evento, Marcela Marcatto, a continuidade do projeto e a característica do local são fundamentais para o sucesso da proposta. “O ciclo nasceu do desejo de oferecer um ambiente de troca generosa sobre o tema. O caráter intimista do Espaço Abu cria uma proximidade entre as pessoas convidadas e o público, que enriquece o debate e proporciona uma atmosfera de confiança”, afirma.

“Esses encontros permitem que o público entenda o rigor, a técnica e a paixão que sustentam o espetáculo. No Abu, o Carnaval é tratado com a relevância que merece, unindo o conhecimento da academia à vivência do barracão e valorizando o saber de cada pessoa convidada”, completa Fred, que agora também assina a série de crônicas “Só Cario-



Divulgação

“Esses encontros permitem que o público entenda o rigor, a técnica e a paixão que sustentam o espetáculo”

FRED SOARES

quices” no Correio da Manhã.

Na abertura, Fred recebe a Rainha de Bateria da Mangueira e Diretora Cultural da Liesa, Evelyn Bastos, para o papo “Rainha além da Avenida: protagonismo feminino no Carnaval”. A convidada é uma das figuras mais emblemáticas do Carnaval carioca por unir o samba no pé a um contundente discurso social, sendo conhecida e respeitada por utilizar seu espaço para pautar o empoderamento feminino e o combate ao racismo.

E nesta quarta (28) o encontro conta com a participação do coreógrafo, bailarino e diretor artístico Marcelo Misailidis, tendo como tema “O Palco da Rua: diálogos entre o palco erudito e o chão da avenida”. Com uma trajetória marcada pela excelência técnica e pela inovação estética, Misailidis é uma referência na discussão sobre a evolução da performance e da narrativa visual nos desfiles de escolas de samba. Em 2026, pelo segundo ano seguido, é dele a responsabilidade de comandar a comissão de frente da Mocidade Independente de Padre Miguel.

A programação segue no dia 3 de fevereiro com Rachel Valença, professora, pesquisadora, escritora e uma das maiores autoridades na história do Carnaval carioca, que abordará “O Samba como Patrimônio: desafios da memória na modernidade”. Ao longo dos anos, Rachel ocupou funções como a de subsecretária municipal de Cultura do Rio de Janeiro e vice-presidente do Império Serrano. É de sua autoria o principal livro biográfico da escola: “Serra, Serrinha, Serrano”.

Fechando o ciclo de debates sobre Carnaval deste ano com o tema “O Condutor das Multidões: a profissionalização do canto na Sapucaí”, o Papo no Abu recebe no dia 10 Zé Paulo Sierra, um dos intérpretes mais premiados e respeitados do Carnaval. Zé Paulo em 2026 terá dupla função como intérprete da União de Maricá, na Série Ouro, e da Portela, no Grupo Especial.

SERVIÇO

PAPO NO ABU

Espaço Abu (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 249, Loja E)
27/1: Evelyn Bastos, 27/1: Marcelo Misailidis, 3/2: Rachel Valença e 10/2: Zé Paulo Sierra, sempre às 19h
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia), à venda no Sympla e na bilheteria

O riso como ferramenta humanitária

Palhaços Sem Fronteiras celebra década de atuação com espetáculo premiado que transforma vivências em comunidades vulneráveis em poesia cênica

A palhaçaria pode ser muito mais do que entretenimento. É o que demonstra o espetáculo Memorável – Histórias Notáveis, montagem dos Palhaços Sem Fronteiras Brasil que chega ao Teatro I do Sesc Tijuca em temporada até 8 de fevereiro. Vencedor do Prêmio APCA 2024 de Melhor Palhaçaria, o trabalho marca os dez anos de atuação da organização no país, período em que levou arte a territórios marcados por vulnerabilidade social, crises climáticas e



Presente no país desde 2016, a Palhaços Sem Fronteiras Brasil atua em território nacional e em países da América Latina, levando espetáculos profissionais e atividades pedagógicas a áreas de vulnerabilidade socioeconômica e de crise humanitária

violência.

Com dramaturgia de Ana Pessoa e direção de Cristiane Paoli Quito, a encenação nasce diretamente das experiências humanitárias do grupo. O quarteto formado por Aline Moreno, Arthur Toyoshima, Renato Ribeiro e Tetê Purezempla transforma em cena os encontros com crian-

ças, adolescentes e adultos em situação de risco, utilizando música ao vivo, malabares, mágicas e jogos cênicos para construir uma reflexão sobre o poder transformador do riso.

“Tenho me encantado com a descoberta de pessoas abnegadas e corajosas, que usam da compaixão e do riso para oferecer aco-

lhimento a quem precisa, muitas vezes sem considerar os próprios riscos. Talvez isso aconteça porque o espírito da inocência do palhaço esteja na essência dos ‘inacreditáveis e incríveis’ Palhaços Sem Fronteiras”, afirma Cristiane Paoli Quito.

Entre as histórias que alimentam a dramaturgia estão as ações realizadas nas comunidades ribeirinhas da Bacia do Rio Doce, atingidas pelo rompimento da Barragem do Fundão em Maria-

na, e em territórios indígenas no Mato Grosso do Sul. O grupo também atuou em outros países da América Latina, criando momentos de encontro e pausa em cenários hostis. Para o crítico teatral Dib Carneiro, o espetáculo arrebatou pela força das histórias humanistas, que escancaram para a plateia a importância de levar arte a populações machucadas.

Selecionado pelo Edital Sesc RJ Pulsar, Memorável representa a primeira temporada contínua do grupo num espaço cultural carioca, após anos de trabalho no estado através de ações humanitárias, especialmente na Baixada Fluminense. Presente no Brasil desde 2016, a organização foi a primeira da América Latina a integrar a Clowns Without Borders International. Com uma rede de 80 artistas profissionais, já realizou projetos em dez estados. Somente em 2025, foram 60 ações entre espetáculos, oficinas e intervenções, impactando mais de 14 mil pessoas.

SERVIÇO MEMORÁVEL - HISTÓRIAS NOTÁVEIS

Teatro I do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)
Até 8/2, sexta a domingo (16h)
Ingressos: R\$ 20, R\$ 10 (meia); R\$ 14 (associado Sesc) e gratuito (PCG)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Tensões familiares

O Teatro Carlos Gomes apresenta até domingo (1) espetáculo que aborda luto e segredos familiares. Tom, interpretado por Armando Babaioff, vai ao funeral do companheiro e descobre que a sogra Agatha (Denise Del Vecchio) desconhecía sua existência e a orientação sexual do filho. No ambiente rural da fazenda, ele se vê envolvido em uma trama de mentiras articulada por Francis (Iano Salomão), irmão do falecido, e Sara (Camila Nhary), que finge ser namorada do morto. A montagem explora tensões e contradições nas relações familiares.



Nos bastidores do K-pop

Em cartaz no Teatro dos Grandes Atores, o musical “Meninas do K-Pop” aborda temas como amizade, diversidade e aceitação. A montagem utiliza elementos da cultura pop coreana, incluindo coreografias, figurinos inspirados no gênero musical e narrativa que combina humor e fantasia. O enredo explora bastidores da indústria do K-Pop e traz mensagens sobre autenticidade e força feminina. A produção busca atingir público diversificado, desde fãs do gênero musical até interessados em cultura pop asiática. Até domingo (1).



Uma dia na vida

A Companhia do Latão leva ao palco do Armazém da Utopia “Experimento H”. A montagem acompanha um dia na vida de duas mulheres: a diarista nova-iorquina Mary Sanches e a atriz Marilyn Monroe, que se encontram no velório de sua professora de atuação. Helena Albergaria interpreta ambas as personagens, explorando diferenças de atitudes diante das pressões do trabalho. Truman Capote aparece em cenas narradas por Kiko do Valle e Carlos Albergaria. Cau Karam assina a trilha sonora ao vivo.

Nascida nos porões da escravidão colonial brasileira como forma de resistência e auto-defesa disfarçada de dança, a capoeira percorre hoje um caminho radicalmente oposto ao da marginalização que enfrentou por séculos. Mestre Bujão, fundador do Gingas Capoeira, está no México numa missão de divulgação dessa manifestação afro-brasileira. A viagem adiciona um novo capítulo a uma história que começou nos engenhos e senzalas do século XVI, quando africanos escravizados criaram um sistema de luta camuflado por movimentos ritmados e acompanhamento musical.

Os primeiros registros da capoeira no Brasil datam de 1548, quando a prática já era documentada entre populações escravizadas que desenvolveram essa forma única de combate corporal. Combinando elementos de dança, acrobacia, música e espiritualidade, a capoeira permitia que os escravizados treinassem técnicas de defesa sem despertar a suspeita dos senhores de engenho. O berimbau, a ginga característica e os cânticos em formato de chamada e resposta compunham um código que ia muito além do aspecto marcial, configurando-se como expressão de identidade, memória ancestral e organização comunitária. Durante todo o período colonial e imperial, a capoeira foi praticada clandestinamente, vista pelas autoridades como ameaça à ordem estabelecida.

Com a abolição da escravatura em 1888, a capoeira não conquistou liberdade imediata. Pelo contrário: em 1890, o Código Penal da República recém-proclamada criminalizou explicitamente sua prática, classificando-a como contravenção passível de prisão. Capoeiristas eram perseguidos, presos e deportados, especialmente no Rio de Janeiro, então capital federal. Apenas em 1937, durante o governo de Getúlio Vargas, a capoeira começou a ser descriminalizada, processo que se consolidou definitivamente em 1940. A partir daí, mestres como Bimba e Pastinha foram fundamentais para sistematizar estilos (Regional e Angola, respectivamente) e elevar a capoeira à condição de prática culturalmente valorizada. O reconhecimento como esporte nacional pelo Conselho Nacional de Desportos em 1972 e, sobretudo, o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade concedido pela UNESCO em 2014 consolidaram a capoeira como expressão cultural brasileira de relevância global.

É justamente essa trajetória de transformação que Mestre Bujão leva na bagagem. A agenda no México inclui oficinas sobre gestualidade, musicalidade, ritmo e ritual da capoeira, além de palestras em escolas e no Ministério da Educação na Cidade do México. O mestre também ministrará workshops focados no aspecto marcial da capoeira para



Mestre Bujão, um embaixador da arte da capoeira

Capoeira cruza fronteiras

Mestre Bujão leva ao México manifestação afro-brasileira que conquistou reconhecimento mundial da Unesco e se faz presente em 150 países

“O Gingas Capoeira já vem desenvolvendo atividades no México há alguns anos, e agora a gente tem a oportunidade de expandir ainda mais essa atuação. VEu vou ministrar oficinas sobre a gestualidade, a musicalidade, o ritmo e o ritual da capoeira, além de palestras em escolas” **MESTRE BUJÃO**

praticantes de outras modalidades de luta, como MMA e Muay Thai, estabelecendo pontes entre diferentes sistemas corporais de combate. Segundo o próprio Mestre Bujão, a missão possui dimensão estratégica que ultrapassa a simples demonstração técnica.

“O Gingas Capoeira já vem desenvolvendo atividades no Mé-

xico há alguns anos, e agora a gente tem a oportunidade de expandir ainda mais essa atuação. Eu vou ministrar oficinas sobre a gestualidade, a musicalidade, o ritmo e o ritual da capoeira, além de palestras em escolas e no Ministério da Educação na Cidade do México. Também fui convidado a oferecer workshops sobre a parte marcial

da capoeira para pessoas de outras modalidades, como MMA e Muay Thai. E tudo isso está acontecendo graças ao edital de mobilidade da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, que está possibilitando essa expansão. A gente vai levar nossa visão da capoeira como uma ponte cultural inclusiva, destacando tam-

bém a questão da acessibilidade”, detalhou o mestre.

Durante a permanência no México, Mestre Bujão conta com o suporte da equipe local do Gingas Capoeira, formada por José Antonio Lara Salas (Zé), Jorge Ulises Vazquez Betancourt (Fringuinho), Byron Salvador Duarte Macedo e seus respectivos grupos. Essa presença coletiva reforça o princípio de comunidade e pertencimento que estrutura o trabalho do Instituto Gingas, que já desenvolve atividades em diversas cidades fluminenses como Niterói, Saquarema, Cachoeiras de Macacu e Duque de Caxias. A programação prevê rodas de capoeira, participação em eventos culturais e ações em academias, promovendo intercâmbio entre diferentes práticas corporais e fortalecendo os laços entre capoeiristas brasileiros e mexicanos.

O que começou como estratégia de sobrevivência nos porões da escravidão transformou-se em patrimônio cultural reconhecido mundialmente, praticado hoje em mais de 150 países. Ao cruzar fronteiras, Mestre Bujão não apenas ensina golpes e toques de berimbau, mas carrega consigo séculos de resistência, criatividade e afirmação cultural afro-brasileira.